

POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS EM PEQUENAS HISTÓRIAS CONTADAS POR UM UNIVERSITÁRIO MIGRANTE – PERFORMANCES DE MASCULINIDADE HETEROSSEXUAL

POSICIONAMIENTOS INTERACTIVOS EN PEQUEÑAS HISTORIAS CONTADAS POR UN
UNIVERSITARIO MIGRANTE – DESEMPEÑOS DE MASCULINIDAD HETEROSEXUAL

INTERACTIONAL POSITIONING IN SHORT STORIES TOLD BY AN IMMIGRANT
UNIVERSITY STUDENT - HETEROSEXUAL MALE PERFORMANCE

Leticia Fonseca Richthofen de Freitas*

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO: O artigo tem por objetivo analisar como os posicionamentos interacionais de um aluno universitário migrante constituem-no como homem heterossexual alinhado a uma “matriz heterossexual” de postura mais conservadora. Tais posicionamentos emergem em pequenas histórias contadas durante uma situação de entrevista narrativa. A análise, desenvolvida no campo da Linguística Aplicada, foi empreendida tomando por base os três níveis de ordenação das atividades narrativas apresentadas por Bamberg (2002), além das ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001) - referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; indexicais avaliativos e modalização epistêmica. O estudo aponta que o universitário, a fim de se posicionar como homem heterossexual, desconstrói, nas pequenas histórias contadas, alguns discursos feministas.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas. Performances. Posicionamento Interacional.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo analizar cómo los posicionamientos interactivos de un estudiante universitario migrante lo constituyen como hombre heterossexual alineado a una “matriz heterossexual” de postura más conservadora. Estos posicionamientos surgen en pequeñas historias contadas durante una situación de entrevista narrativa. El análisis, desarrollado en el campo de la Lingüística Aplicada, se llevó a cabo basándose en los tres niveles de ordenación de las actividades narrativas

* Professora do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Possui Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Educação. E-mail: leticia.freitas@ufpel.edu.br.

presentadas por Bamberg (2002), además de las herramientas analíticas propuestas por Wortham (2001) – referencia y predicación; descriptores metapragmáticos; citas; indexales evaluativos y modalización epistémica. El estudio señala que el estudiante universitario, con el reto de posicionarse como hombre heterosexual, desconstruye, en las pequeñas historias contadas, algunos discursos feministas.

PALABRAS CLAVES: Narrativas. Desempeño. Posicionamiento interactivo.

ABSTRACT: This paper aims to analyze how the interactional positioning of an immigrant university student shapes him as a heterosexual man in line with a more conservative ‘heterosexual matrix’. This stance emerges in short stories told in a narrative interview situation. This analysis, developed on the Applied Linguistics field, was undertaken based on the three sorting levels of narrative activities listed by Bamberg (2002), as well as making use of Wortham’s (2001) analytic tools — reference and predication; metapragmatic descriptors; quotation; indexical evaluation and epistemic modalisation. The study suggests that the university student deconstructs some feminist discourses in his short stories to position himself as a heterosexual man.

KEYWORDS: Narratives. Performances. Interactional positioning.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo está relacionado a um projeto de pesquisa mais amplo¹, que tem por objetivo investigar, por meio de entrevistas narrativas, as experiências de universitários que migraram para estudar, oportunidade propiciada em grande parte pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU), adotado, total ou parcialmente, como forma de ingresso em universidades públicas brasileiras. Nosso propósito aqui é analisar de que maneira um desses universitários, ao contar sua experiência em outra cidade, se posiciona interacionalmente, por meio de pequenas histórias inseridas na narrativa, como homem heterossexual, alinhado a uma “matriz heterossexual” de postura mais conservadora.

Inserida no campo da Linguística Aplicada, a análise toma por base os três níveis de ordenação das atividades narrativas apresentadas por Bamberg (2002), além das ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001) – referência e predicção; descriptores metapragmáticos; citação; indexicais avaliativos e modalização epistémica. Inicialmente, abordaremos a questão da virada performativa nos estudos de narrativa para, a seguir, analisarmos como são construídos os posicionamentos interacionais do universitário em suas performances narrativas como homem heterossexual por meio de pequenas histórias.

2 O CARÁTER PERFORMATIVO DAS NARRATIVAS

Para se entender o caráter performativo das narrativas, é necessário antes compreender um pressuposto chave para os estudos de performance, que guia várias pesquisas em diversos campos do conhecimento, qual seja, a noção de virada linguística. De acordo com Marcondes (2010, p. 10), a expressão “virada linguística” (*linguistic turn*) foi utilizada pela primeira vez por Gustav Bergmann, filósofo do Círculo de Viena, no início do século XX. A expressão foi então “retomada por Richard Rorty, que a consagrou, em uma coletânea intitulada precisamente *The Linguistic Turn*, de 1967” (MARCONDES, 2010, p. 10). A virada linguística consiste justamente no entendimento da linguagem como um fenômeno constituidor de todos os aspectos da vida social, em contraposição a uma visão, anteriormente dominante, que toma a linguagem como um instrumento que representaria os fenômenos do mundo, os quais existiriam independentemente da linguagem. Sob a perspectiva da virada linguística, todo o entendimento que temos do mundo e de nós mesmos só é possível por meio da linguagem.

¹ Trata-se o projeto “Trilhando caminhos: narrativas de graduandos sobre a experiência de estudar ‘longe de casa’”, inicialmente um projeto de estágio pós-doutoral, desenvolvido durante o ano de 2015, sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Paulo Moita Lopes, junto ao Núcleo de Estudos sobre Discursos e Sociedade (NuDES), do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ. O projeto foi prorrogado e ampliado, de forma a também contemplar a experiência de universitários oriundos de outros países que não somente o Brasil, e atualmente está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. O presente artigo é fruto do trabalho realizado junto ao NuDES, sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Paulo Moita Lopes.

Esse entendimento que temos do mundo e de nós mesmos, além de ser constituído na linguagem e pela linguagem, se dá também por meio das histórias, das narrativas que contamos e que ouvimos (LARROSA, 1995; MOITA LOPES, 2001; ARFUCH, 2002). As narrativas, nesse sentido, possuem um papel central em relação aos modos como construímos o mundo e como nos construímos, e por isso são tomadas, em diversas áreas do conhecimento, como sendo um importante objeto de análise (ARFUCH, 2002; KIM, 2016). Dessa forma, o campo dos estudos de narrativa se integrou a outras disciplinas, com abordagens psicanalíticas da narrativa, narratologia feminista, e todo campo de teoria narrativa orientado pelos estudos culturais, estendendo-se à Linguística, à Educação, à Filosofia, entre outros, sendo um campo eminentemente interdisciplinar (FREEMAN, 2013; KIM, 2016).

Ampliando um pouco esta questão, cabe tratarmos do caráter performativo das narrativas. Para que possamos entender esse caráter e também a virada performativa nos estudos da narrativa (KIM, 2016), retomamos a noção de Austin (1990 [1962]) sobre o caráter performativo da linguagem. Tal caráter parte do princípio de que ao dizermos algo, estamos fazendo algo. Esse entendimento da linguagem como performance foi assumido depois também por teóricos como Derrida (1991 [1972]) e Butler (2003 [1990]), ao considerarem que a linguagem “produz aquilo que descreve” (PENNYCOOK, 2007, p. 66). Ao retomar Austin, Derrida (1991 [1972]) elucida o princípio da iterabilidade da linguagem, ou seja, o uso da linguagem é feito pela citação e pela repetição (iterabilidade) – todo ato de fala funciona pela possibilidade de ser repetido em outros contextos. Tal princípio assegura a produção de novos significados, pois uma determinada performance nunca é igual, já que os contextos não são os mesmos e as pessoas envolvidas também não são.

Com base nessa perspectiva performativa da linguagem, e levando-se em conta que é por meio das narrativas que damos sentido a nós mesmos e ao mundo, as narrativas também são performance, no sentido de que produzem aquilo que é descrito/contado. Sendo assim, Peterson e Langellier (2006) argumentam, a partir do texto “O narrador”, de Walter Benjamin, que a performance se manifesta, nos estudos narrativos, com base na confluência de duas formas de se entender as narrativas: a narrativa como um construir ou fabricar e a narrativa como um fazer. O primeiro aspecto diz respeito às investigações que privilegiam os elementos e as estruturas que constroem a narrativa.

A virada performativa nos estudos da narrativa vai justamente ampliar essa compreensão, no sentido de considerar que a força dessas construções vai muito além do reino da literatura ou das produções dramáticas, já que, sob essa perspectiva, qualquer evento comum ou conversa pode ser transformado em performance. A narrativa como performance é uma forma de “fazer acontecer” com aquilo que há disponível no mundo. É justamente nesse sentido que tomamos a narrativa aqui analisada, entendendo que as performances de homem heterossexual, produzidas pelo universitário no aqui e no agora no ato de narrar, estão articuladas a muitos dos discursos² disponíveis no mundo.

Ademais, ainda de acordo com Peterson e Langellier (2006), a virada performativa, no campo da investigação narrativa, enfatiza a narrativa incorporada nas práticas comunicativas, restringida por condições situacionais e materiais, integrada em campos discursivos e estrategicamente distribuída para reproduzir e criticar as relações existentes de poder e de conhecimento. Em relação ao fato de a narrativa ser incorporada socialmente em práticas comunicativas, ressalta-se que as posições de contador de histórias, narrador, personagem e audiência não se referem a um indivíduo em si, mas a funções comunicativas que tanto podem ser “ocupadas” por uma pessoa, por um grupo de pessoas ou por instituições. Em segundo lugar, ao pensarmos nos aspectos situacionais e materiais que restringem as narrativas, e levando-se em conta que elas são incorporadas em contextos de práticas comunicativas, não se pode conceber qualquer tipo de participação nas performances narrativas: não é qualquer pessoa que pode ser o narrador no mesmo lugar e ao mesmo tempo, e nem todo tipo de história pode ser contada, ouvida ou pode circular.

Essas restrições são mais evidentes na maneira como os contadores de certas histórias mobilizam recursos compartilhados para poderem contar/“performar” uma narrativa. Além disso, narrativas são integradas a certos campos discursivos por meio de regras externas – que dividem aquilo que é significativo daquilo que não é, e o que pertence ou não à narrativa – e de regras internas –

² Gee (2004) faz uma distinção entre Discurso, que se refere ao conhecimento, às ideologias e a maneiras de se estar no mundo, e discurso, em minúsculo, que diz respeito à linguagem em uso.

certas regularidades discursivas que servem para distinguir histórias canônicas, enredo principal, técnicas de narração e coerência narrativa. Por fim, narrativas “performadas” reproduzem e reinscrevem relações de poder. Elas tornam possível tanto resistir a essas relações quanto alterá-las. A virada performativa, nesse sentido, questiona a quais interesses as narrativas servem. Levando-se em consideração todos esses aspectos, a narrativa é tomada como um “sistema multinível de estratégias e táticas” (PETERSON; LANGELLIER, 2006).

Com base no caráter performativo das narrativas discutido até aqui, passamos agora a tecer considerações sobre um tipo de história que, muitas vezes, não é levado em conta quando se analisam narrativas: as “pequenas histórias” (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; KIM, 2016). Segundo explicita Georgakopoulou (2006, p. 123),

[...] pequenas histórias é empregado como um termo guarda-chuva que cobre uma gama de atividades narrativas sub-representadas, como narrativas de acontecimentos em curso, eventos futuros ou hipotéticos, eventos (conhecidos) compartilhados, mas também alusões a narrações, adiamento de narrações e recusas a narrar³.

Elas também podem ser, conforme apontam Bamberg e Georgakopoulou (2008), sobre nada, no sentido que significam algo para aqueles que participam da interação, mesmo que para os de fora, não envolvidos no evento interacional, possa parecer que se fale sobre nada. Como se pode perceber, o termo pequenas histórias conceitua um tipo de evento narrativo que vai muito além do tamanho da narrativa em si.

3 CONTEXTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A análise empreendida se debruça sobre uma entrevista narrativa, metodologia esta que parte do princípio de que narrar não é apenas uma forma de se obter informações sobre quem se é; narrar é um evento social construído na interação, constitutivo de nossas vidas cotidianas (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; LANGELLIER; PETERSON, 2004). Diante disso, cabe considerar que a entrevista narrativa aqui analisada foi gerada em um ambiente universitário, mais especificamente em uma sala de aula, na qual André⁴ estudava à época em que a entrevista aconteceu. Participaram desse evento narrativo⁵ somente André, então com 25 anos, e a pesquisadora⁶. O jovem havia migrado, a fim de estudar, há um ano, vindo de uma cidade pequena do interior de um outro estado do país para uma cidade de porte médio.

O trecho destacado para análise foi escolhido porque, embora o teor geral da entrevista narrativa fosse a experiência do estudante na cidade para a qual migrou, houve a inserção, durante a narração, de algumas pequenas histórias a fim de sustentar e/ou ilustrar algum argumento desenvolvido pelo narrador, nas quais ele se posiciona como homem heterossexual, alinhado a uma matriz heteronormativa. Cabe ressaltar que entendemos as categorias de gênero/sexualidade com base em uma visão performativa, ou seja, tanto gênero quanto sexualidade são produzidos performativamente, no sentido de que “a essência ou identidade que pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003 [1990], p. 194). Nesse sentido, quando analisamos os posicionamentos interacionais de André como homem heterossexual, compreendemos que eles são efeitos discursivos, não existindo antes de suas performances narrativas.

Isso posto, sublinhamos o caráter co-construído das performances narrativas, uma vez que, ao se contar uma história, nada assegura que os efeitos de sentido pretendidos pelo narrador sejam alcançados. Conforme argumenta Bamberg (2002, p. 155), “as pessoas se

³ Todas as traduções do inglês são de responsabilidade da autora do artigo.

⁴ No momento da entrevista, ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o entrevistado foi indagado no sentido de escolher um nome fictício, a fim de que sua identidade fosse preservada. Como ele não sentiu necessidade de fazer isso, um nome, no caso André, foi escolhido de forma aleatória.

⁵ De acordo com Bauman (1986), o evento narrativo é aquele que acontece no momento da interação, enquanto que o evento narrado diz respeito àquilo que é contado nesse evento.

⁶ Antes do início da entrevista, foi explicado a André exatamente do que se tratava a pesquisa e os usos que seriam feitos da sua narrativa. Ele concordou em participar e, conforme já mencionado, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após estes esclarecimentos, o gravador foi ligado e a entrevista transcorreu sem interrupções por mais ou menos uma hora e meia.

engajam interacionalmente na construção discursiva de como fazem sentido de si mesmas e do lugar ao qual pertencem”. Tal engajamento interacional, no sentido de construir um significado sobre si mesmo, será analisado aqui em relação a André utilizando-se o conceito de *posicionamento* (DAVIES; HARRÉ, 1990; BAMBERG, 2002; MOITA LOPES, 2006a, 2009; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), entendido como algo construído nas interações sociais. De acordo com Bamberg (2002), a noção de posicionamento considera a pessoa como agente, que se posiciona na interação de maneira mais ou menos consciente e espontânea, engajando-se, através desse processo, na construção de um sentido do eu. Assim,

[...] o modo como pensam e interpretam a si mesmas não é um reflexo de ideologias sociais já existentes, ou discursos com D maiúsculo, mas é, isso sim, construído microgeneticamente em situações localizadas e cotidianas, juntamente com outras pessoas, já que o objetivo é ser entendido pelos outros (BAMBERG, 2002, p. 155).

Dessa forma, ao nos posicionarmos nas interações – ao nos posicionarmos nas narrativas que contamos e ao nos posicionarmos como ouvintes/audiência –, podemos escolher levando em conta certos limites, certas variedades de discursos já existentes.

Vamos utilizar, para fins de análise, três níveis de ordenação das atividades narrativas propostos por Bamberg (2002), que se inter-relacionam e que concorrem para a construção dos posicionamentos: no primeiro nível são analisadas as pistas linguísticas que caracterizam os personagens da história contada – evento narrativo –, a fim de responder à pergunta “do que trata a história?”. Já no segundo nível, nos deteremos ao objetivo do narrador ao contar a história, buscando a resposta à pergunta “por que uma história é contada em dado ponto da interação?”. O terceiro nível é mais complexo e gira em torno de tentar entender como o narrador transcende os níveis um e dois para lidar com a questão “quem sou eu?”. Segundo Bamberg (2002, p. 158),

[...] ao fazer isso, o falante/narrador se posiciona diante de discursos culturais, seja acatando-os, seja mostrando neutralidade ou, ainda, distanciando-se, criticando, subvertendo ou resistindo a eles. Pressupomos que é aqui que um espaço discursivo vem a ser elaborado na forma de uma posição, localizando o falante num sentido mais geral.

Pois bem, na análise empreendida, busca-se justamente, nas pequenas histórias contidas na entrevista narrativa, escrutinar estes três níveis, a fim de mapear quais posicionamentos identitários foram engendrados pelo narrador no espaço discursivo criado nesse evento narrativo. Além desses três níveis, também são utilizadas cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001) para se investigar os posicionamentos interacionais. São elas: referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; indexicais avaliativos e modalização epistêmica.

Sendo assim, quando se narra, são utilizados certos termos que referem e predicam os personagens da narrativa, de forma a posicioná-los – o narrador também se posiciona em relação aos personagens. Da mesma forma, ele, narrador, usa descritores metapragmáticos – verbos *discendi* (de dizer) – para descrever ações de personagens e eventos, que são por ele avaliados. A citação possui o intuito de representar um evento de fala, combinando a referência a um personagem citado, o verbo metapragmático e a enunciação citada. Também constituem pistas linguísticas sobre o posicionamento os indexicais avaliativos, que associam os personagens a certas posições ou a grupos sociais por meio de suas falas e posicionam o narrador em relação a eles. A modalização epistêmica, por fim, diz respeito ao “*status* epistêmico da narração e dos eventos narrados”, marcando qual é o tipo de alcance que o narrador tem do evento narrado e sua posição na história.

4 POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS EM PERFORMANCES NARRATIVAS

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, cabe ressaltar que os trechos destacados foram selecionados por formar uma certa unidade no contexto mais amplo da entrevista narrativa, na qual André se utilizou de uma sequência de pequenas histórias, encadeadas e inter-relacionadas, para se posicionar como homem heterossexual.

O primeiro excerto⁷ da entrevista narrativa gira em torno da experiência de André na cidade para a qual migrou a fim de estudar e da sua relação com as pessoas do local. Neste trecho específico e introdutório que destacamos, a narrativa do estudante se refere às relações de amizade com pessoas que não pertencem ao ambiente universitário:

Excerto 1:

- 1 Entrevistadora (E) - Aí e no convívio assim fora da universidade, como é?
 2 André (A) - Eu me comu::co com o pessoal principalme::nte em festa e essas coisa assim fiz
 3 alguns amigos (.) não vou dizer que eu fiz mais de::ntro da universidade (.) mas fiz alguns
 4 amigos são coisas que me assustam assim °no contexto fora da universidade° as pessoas que
 5 tâ::o na universidade elas geralme::nte são muito extremas dos problemas delas (.) um grupo
 6 feminista extremamente poderoso (.) um grupo de consciência negra muito podero::so e essas
 7 pesso::as >se armam pra outras pessoas que são de fora<.

No excerto acima, André menciona uma dicotomia construída que posiciona de um lado quem é “de dentro da universidade” e do outro quem é “de fora”, a fim de marcar que há, no ambiente universitário, grupos que são muito fortes – “um grupo feminista extremamente poderoso (.) um grupo de consciência negra muito podero::so” – descrevendo tais grupos metapragmaticamente como se armando contra quem é de fora ou, talvez, contra quem se contraponha às suas ideias e posições. Além disso, ele predica as pessoas que estão na universidade – no caso os grupos descritos, feministas e de consciência negra – como sendo “muito extremas dos problemas delas”, predicação esta reforçada pela questão de que tais pessoas, que pertencem a esses grupos, serem muito poderosas – e também extremadas, note-se a ênfase em “extremas” no trecho destacado.

Mesmo sendo “de dentro” da universidade, o posicionamento de André vai sendo construído na interação de maneira a reiterar seus conflitos frente a determinados grupos que o colocam diante de questões possivelmente difíceis para alguém que se construiu em um ambiente mais conservador, conforme explicitado por ele em um trecho anterior da entrevista e que não foi destacado aqui. Tais conflitos aparecem no decorrer de duas pequenas histórias inseridas na entrevista narrativa, que são contadas uma em função da outra, e que foram desmembradas neste trabalho a fim de facilitar a análise. Elas servem como uma espécie de fundamento para o argumento de André sobre o feminismo e sobre certo posicionamento extremista adotado por feministas, marcando, assim, um posicionamento interacional que constrói sua masculinidade heterossexual, vinculada a uma matriz heteronormativa. A primeira história gira em torno de um casal de namorados que são seus amigos:

Excerto 2:

- 8 A - E teve uma época que more::i num alojamento provisório (.) foi a época °mais difícil° (.)
 9 teve um di::a e >esse dia marcou muito porque foi muito intenso< eu comecei fazer
 10 tratamento psicoló::gico com aquilo >porque foi assim< eu já ta::va sofrendo uma série de
 11 °rechação° (.) é assim? (.) bom, eu tava sofrendo uma série de contra ataques pra:: assim se
 12 dizer (.) de grupos feministas >porque eu nunca ia aceitar o fato de que as pessoas quererem
 13 que todo mundo seja igual< eu não acredi::to nisso (.) porque eu não acredi::to nisso (.) as
 14 pessoas têm que ser igua::is perante a lei > mas que as pessoas têm diferenças umas das
 15 outras< e cada pessoa tem que reconhecer o seu papel na sociedade °seu papel pra si mesmo°
 16 eu não acho uma mane::ira (.) por exemplo (.) uma mulhe::r tentar ser um homem >não no
 17 sentido de ser lésbica< mas ela:: tentar fazer co::isas que ela sabe >que o homem vai fazer
 18 melhor< porque um homem não ma::nda ela fazer coisas que ele vai fazer melhor (.) por
 19 exemplo eu acho muito besta uma femini::sta dizer que uma mulhe::r não precisa de proteção
 20 (.) tá:: mas o homem precisa sentir que tá protegendo alguém °então e aí:: entendeu?° por
 21 que que elas não po::dem fazer esse favor pra elas (.) são questões sociais °por exemplo°
 22 teve uma amiga mi::nha que brigou com o namora::do dela e os >dois são meus amigos há

⁷ As convenções de transcrição utilizadas são uma adaptação da proposta de Jefferson (1983). Dessa forma, utilizamos (.) para marcar micropausa; :: para alongamento de vogal; ___ para marcar sílaba ou palavra enfatizada; °palavra° para marcar intensidade menor (“volume” baixo) e >palavra< para marcar fala acelerada.

23 muito tempo inclui::ve eles eram meus amigos e se conheceram via mim e começaram a
24 namorar<.

Ao nos debruçarmos sobre essa pequena história, é possível analisarmos os três níveis de ordenamento da narração propostos por Bamberg (2002). Destacamos primeiramente o terceiro nível, em que o narrador se posiciona diante de discursos culturais, assumindo certas posições que podem ser repetidas posteriormente em outras interações, uma vez que é nesse terceiro nível que “um espaço discursivo vem a ser elaborado na forma de uma posição, localizando o falante num sentido mais geral” (BAMBERG, 2002, p. 158). É nesse terceiro nível que o narrador vai buscar construir uma resposta, mesmo que situada, para a pergunta “quem sou eu”.

Assim, em um primeiro momento, nota-se que há um preâmbulo que vai introduzir a história que será contada a seguir, que gravita em torno de um acontecimento que teve consequências sérias – “eu comecei fazer tratamento psicoló:gico com aquilo” – o alongamento da vogal ressalta a maneira como o fato a ser contado o abalou, acarretando a necessidade de fazer tratamento psicológico. Essa observação sobre as consequências geradas pelo acontecimento, ou seja, o fato de ele ter ficado tão abalado a ponto de ter de fazer tratamento psicológico para lidar com “aquilo”, indica a gravidade da situação e ao mesmo tempo introduz o acontecimento, o rechaço – ele nomeia como “rechaço” e pronuncia a palavra em tom mais baixo, por não ter certeza se é este o termo a ser utilizado - sofrido por parte de grupos feministas no alojamento estudantil em que morava.

A partir desse acontecimento, André vai assumindo uma posição discursiva bastante firme frente aos discursos culturais mais gerais desse grupo de feministas, o que pode ser percebido por meio da modalização deôntica – nunca - presente na seguinte afirmação: “>porque eu nunca ia aceitar o fato de que as pessoas quiserem que todo mundo seja igual<” – frase pronunciada de maneira acelerada, marcando talvez certo desconforto ao afirmar isso. Sua posição é reforçada pela repetição da frase que reitera a convicção de que as pessoas não são todas iguais – “eu não acedi::to nisso (.) porque eu não acedi::to nisso” –, seguida da explicação que corrobora e que sublinha sua posição: “as pessoas têm que ser igua::is perante a lei >mas que as pessoas têm diferenças umas das outras<”. Essa afirmação tem desdobramentos no sentido de explicar as diferenças e de explicitar em que ponto ele diverge do discurso dos grupos feministas, o que os posiciona de formas diferentes frente aos papéis, que, segundo André, cada um, homem e mulher, tem de ocupar na sociedade, pois, de acordo com sua visão, as mulheres não devem querer se portar como homens – “>não no sentido de ser lésbica<” – e nem fazer coisas “que homens fazem melhor”.

Nesse ponto, André deixa claro seu argumento, que se alinha a discursos de uma matriz heteronormativa e conservadora sobre papéis de homens e mulheres na sociedade, discursos esses calcados em visões biológicas, que atribuem certas características a homens e a mulheres de maneira determinista. Tal argumento posiciona André de uma certa maneira, demonstrando como ele vai se construindo discursivamente na narrativa de forma a responder à pergunta “quem sou eu”. Assim, para ele, homens são seres fortes, responsáveis por proteger as mulheres, que seriam mais vulneráveis, merecedoras de proteção, o que torna a reivindicação do grupo de feministas por autonomia ser considerada, na sua avaliação, uma coisa “besta” – “por exemplo eu acho muito besta uma femini::sta dizer que uma mulhe::r não precisa de proteção”. Tal ideia é rechaçada e, por meio de uma citação incorporada na voz de André, ele se posiciona de uma maneira agentiva, recorrendo ao item indexical “precisa sentir” – ênfase em sentir –, o que o alinha a certos discursos de uma masculinidade heterossexual dominante, que concede ao homem o “direito” de querer proteger, fazendo com que ele, de certa forma, se ofenda diante da recusa de proteção: “tá:: mas o homem precisa sentir que tá protegendo alguém” – ênfase novamente na fala em sentir, reforçando essa noção de que haveria algo intrínseco à masculinidade que gerasse uma necessidade de proteger um ser considerado mais fraco, no caso, a mulher. Esse tom de irritação com a recusa por proteção é reforçado através dos indexicais avaliativos “po::dem fazer esse favor” – “por que que elas não po::dem fazer esse favor pra elas” –, que posicionam André e os homens em geral, na sua narração, em relação ao grupo de feministas.

A seguir, a narrativa se desenvolve com a continuação da pequena história que serve para corroborar o argumento de André sobre a necessidade de as mulheres precisarem de proteção. Aqui podemos perceber o nível 1 de ordenação proposto por Bamberg (2002), e que vai nos guiar justamente na questão de sabermos sobre o que a história trata. Segundo o autor, é nesse nível que personagens são descritos linguisticamente, que posições são criadas para situá-los na história e que os inserimos em uma ordem espacial e temporal, ordenando também suas relações como algo que tem uma continuidade, permanece do mesmo jeito ou se desfaz. Cabe

mencionar que, ao narrar, André vai ordenando a história e organizando temporalmente os eventos de forma a estabelecer uma conexão significativa entre eles, uma vez que “o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes em curso” (MISHLER, 2002, p. 105).

Além disso, no outro trecho da pequena história apresentada a seguir, percebemos também de que forma o nível dois, proposto por Bamberg (2002), vai sendo tecido, pois o fato de esta pequena história funcionar como um argumento para aquilo que vem sendo defendido pelo narrador no seu posicionamento como homem heterossexual justifica o motivo pelo qual a história merece ser contada.

Excerto 3:

25 A – Foram os primei:iros amigos que eu °fiz° e:: o namoro deles já tá:: durando quase dois
 26 meses (.) mas ela era uma feminista mui::to extre::ma e eu vejo as coisas que ele go::sta e o
 27 jeito que ela trata ele (.) eu acho que (.) e eu fico com dó:: °sério° ela briga o tempo to::do
 28 com ele e o tempo todo ela tá puxando assu::nto com o que ele faz >e a frase mais ouvida da
 29 boca dela quando tão todos juntos é< “cala a boca fulano” °entende° ela vive nesse negócio
 30 da mulher sair na rua de que ser estuprada (.) ainda ela disse que não depende:: da proteção
 31 de ninguém e:: tudo mais >e um dia eles foram embo::ra tavam perto da minha ca::sa e eu
 32 fui pegar o ônibus< e no ponto de ônibus uns ca::ra começaram a dar em ci::ma dela e o
 33 namorado dela não fez na::da e tipo ela ficou um mês sem conversa::r com ele.

Os personagens dessa história são os dois amigos mencionados por André, uma mulher e um homem, que são namorados; ele narra a história possuindo informações privilegiadas sobre eles e sobre a situação. Já no início, a mulher é predicada como uma “feminista mui::to extre::ma” – a ênfase em feminista e os alongamentos das vogais servem para reforçar o posicionamento construído pelo narrador da personagem como uma feminista muito extremada –, havendo referência, pelo narrador, ao “jeito que ela trata ele”, para, logo a seguir, trazer um exemplo que explica como é esse jeito, o que serve para corroborar o posicionamento da amiga como feminista muito extrema. Isso se dá, sobretudo, a partir do emprego do verbo brigar, que, de certo modo, avalia o comportamento da amiga e leva o interlocutor a também avaliar o “jeito” dela como sendo não adequado – “ela briga o tempo to::do com ele”. Toda esta descrição do jeito com que a feminista muito extrema trata o namorado faz com que André imediatamente avalie a situação do amigo como digna de pena – “e eu fico com dó::” –, avaliação esta reforçada por meio da citação da fala da feminista “a frase mais ouvida da boca dela quando tão todos juntos é ‘cala a boca fulano’”. A maneira como o narrador posiciona e predica a mulher também o posiciona na história, uma vez que seu discurso alinha-se a uma visão de que feministas são chatas, que querem fazer tudo sozinhas e que não precisariam dos homens.

Essa última ideia em relação a uma certa forma de encarar alguns dos discursos feministas é reforçada pelo final dessa pequena história, quando André conta que a feminista em questão precisou de ajuda. Primeiro, ele sublinha, mais uma vez, os discursos feministas mais gerais mencionados por ele anteriormente, mas agora colocando esse tipo de discurso na fala da amiga, usando o verbo metapragmático dizer: “ela disse que não depende:: da proteção de ninguém e:: tudo mais”. Nota-se, ainda, que o item lexical “tudo mais”, empregado na afirmação da feminista, serve para atribuir-lhe outros discursos também associados ao feminismo, ou seja, além de dizer que as mulheres não precisam de proteção, ela estaria alinhada a todos os outros discursos extremados do feminismo, representados por esse item lexical “tudo mais”. Para contrapor esse discurso, tanto da amiga quanto das feministas, e corroborar a versão do narrador de que “mulheres precisam de proteção”, a pequena história se desenvolve com base no relato de que a feminista ficou um mês sem conversar com o namorado pelo fato de ele não ter tomado uma atitude quando “uns ca::ra começaram a dar em ci::ma dela”.

Para dar continuidade à história e ao argumento de que as mulheres lésbicas e feministas possuem uma posição muito extremista, André conta outra pequena história no final dessa história, que serve para ilustrar sua posição e servir de suporte ao argumento principal, sempre reconstruindo os três níveis de ordenamento das narrativas. Destacamos o trecho final a seguir:

Excerto 4:

34 A – Si:m (.) e não era só i::sso (.) tinha uma outra parte que uma menina >dessas meio
 35 cabeça de política que tava no grupo lá< ela dizendo que durante a manifestaçã::o de julho
 36 do ano passado⁸ que ela foi dentro de uma igreja (.) começou a rir muito (.) e as outras
 37 pessoas que ta::vam do lado de fora começaram a apedrejar a igreja (.) e eu achei aquilo
 38 muito bá::rbaro entende::u (.) muito extremamente bárbaro (.) e aí tipo (.) > uns do::is ou três
 39 dias depois a gente tava brincando de verdade ou consequência< e um cara me pergunto::u
 40 “tá qual é a tua mágoa alguma briga com alguém aqui dentro?” (.) e eu peguei falei assim (.)
 41 A:h eu a::cho que é o:: segui::nte (.) °e falei tudo° (.) falei sobre tudo isso entendeu? (.) falei
 42 na cara das pessoas que tinham dito aquilo >falei vocês falaram que homem não presta que
 43 homem é i::sso que homem é aqui::lo que queria exterminar todos os homens e vocês
 44 apedrejaram igre::jas (.) vocês foram dentro e insultaram a religião das pessoas e tudo mais<
 45 e falei assim (.) sabe o que que é isso? isso já aconteceu antes, eles executavam todas as
 46 pesso::as por determinada opção sexual (.) eles apedrejavam homens que era homossexuais
 47 só que ago::ra o jogo virou (.) então vocês se ponham no lugar dessas pesso::as porque vocês
 48 tão cometendo os mesmos crimes dos quais vocês foram vítimas o tempo to::do.

No excerto acima, André continua a narrativa referindo-se a uma conversa que aconteceu no dia em que ele saiu com algumas colegas, e relata um episódio contado por uma delas, referida e predicada como “uma menina dessas meio cabeça de política”. Em tal episódio, ela apedreja uma igreja, e André avalia negativamente a situação, predicada como bárbara, utilizando alguns itens lexicais que intensificam sua avaliação – muito e extremamente – no excerto: “e eu achei aquilo muito bá::rbaro entendeu (.) muito extremamente bárbaro”. Além disso, uma observação feita por ele também marca a avaliação negativa que ele faz do evento narrado, quando relata o fato de a colega ter rido muito ao contar que apedrejou a igreja – “começou a rir muito”.

André então, em outra ocasião, aproveita um momento em que todos jogavam no alojamento estudantil para se posicionar diante do ocorrido. Nesse momento, ele posiciona o grupo de feministas como fazendo parte da mesma lógica que condena, e isso é feito inicialmente por meio de citação daquilo que foi dito no dia em que eles saíram – “vocês falaram que homem não presta que homem é i::sso que homem é aqui::lo que queria exterminar todos os homens” – para então descrever metapragmaticamente o que elas fizeram: “e vocês apedrejaram igre::jas (.) vocês foram dentro e insultaram a religião das pessoas e tudo mais”. A partir desse ponto, ao posicionar as colegas e consequentemente se posicionar diante do fato, podemos perceber o nível 3 de construção de posicionamento, quando o narrador generaliza e insere os personagens em discursos mais amplos, alinhando e posicionando as colegas como pessoas que cometeram crimes contra a humanidade: “eles apedrejavam homens que era homossexuais só que agora o jogo virou (.) então vocês se ponham no lugar dessas pesso::as porque vocês tão cometendo os mesmos crimes dos quais vocês foram vítimas o tempo to::do”. Ao fazer isso, André também se posiciona, construindo um sentido para quem ele é, ou seja, alguém que não compactua com os atos praticados pelas colegas feministas, atos esses considerados bárbaros por ele.

Ao narrar esta pequena história, André a utiliza como argumento para desconstruir o discurso do feminismo: primeiro, por posicionar a amiga como alguém que trata mal o namorado e que, ao fim e ao cabo, em uma dada situação contada por ele, se comporta como uma mulher frágil que precisa de proteção, o que é defendido por André e corroborado por este trecho da pequena história. Em segundo lugar, a desconstrução também se dá quando ele continua a história e posiciona suas colegas feministas como pessoas que cometem atos bárbaros, como apedrejar igrejas. Dessa forma, ao desconstruir os discursos feministas, André, além de posicionar suas colegas e as feministas em geral, se posiciona como homem heterossexual vinculado a uma matriz heteronormativa que considera as feministas “chatas” e “extremistas” e as mulheres seres frágeis, que precisam de proteção – no caso a proteção dos homens.

⁸ Referência às manifestações ocorridas em junho de 2013 em praticamente todo o Brasil.

⁹ “Aqui dentro” diz respeito ao local onde o estudante morava.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada, podemos compreender de que maneira um estudante universitário, no caso André, se constrói como homem heterossexual, em um evento de entrevista narrativa. Partindo-se do princípio de que os falantes, em uma determinada situação de interação não ocupam posições pré-dadas, mas selecionam e definem posições ativamente, não pretendemos, com a análise realizada, mostrar ou afirmar quem André é, mas quem ele se torna em um ambiente linguístico específico, com propósitos específicos (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012).

Dessa forma, ao construir sua história criando e descrevendo personagens, organizando certos fatos temporalmente (nível 1 da atividade narrativa) e se posicionando na história diante dos personagens e dos fatos (nível 2), ele constrói, para si e para a audiência, um sentido para/de si mesmo (nível 3), co-construído na situação de interação de uma entrevista narrativa concedida para uma pesquisa. Ao trazer à tona algumas pequenas histórias, que servem como argumento e como uma forma de “ilustrar” seus posicionamentos interacionais, André produz aquilo que descreve (BUTLER, 2003 [1990]) nas suas performances como homem heterossexual.

Sendo assim, as posições interacionais são constantemente negociadas, conforme nos mostra André ao fazer frente a certos discursos que ele considera extremistas por parte de algumas de suas colegas e da amiga mencionada em uma das pequenas histórias. Como podemos perceber na análise aqui empreendida, é nas nossas performances narrativas que acontecem essas negociações de significados (MELO; MOITA LOPES, 2014; GONZALEZ; MOITA LOPES, 2015), e tal negociação, frente ao posicionamento das feministas, serve para corroborar seu posicionamento de homem heterossexual. De acordo com Bamberg (2002, p. 154), é nas narrativas que “se originam e se consolidam as posições de como chegamos a entender a nós mesmos (e aos outros)”.

Como a masculinidade heterossexual vinculada a uma “matriz heteronormativa” não é algo dado, alguma coisa da natureza (BUTLER, 2003 [1990]; RODRIGUES, 2003; TILIO, 2003; MOITA LOPES, 2006a), temos de considerar que seu efeito substantivo é produzido performativamente por meio da iterabilidade da linguagem (DERRIDA 1991 [1972]; BUTLER, 2003 [1990]), como acompanhamos nas performances narrativas de André. É na reiteração de certos discursos que eles “cristalizam” posições de identificação, mas é também nas negociações de significados e nas performances narrativas que tais posicionamentos sedimentados podem ser modificados.

Ressaltamos, por fim, a relevância de a Linguística Aplicada, assim como outros campos do conhecimento têm feito, também se debruçar sobre questões latentes da sociedade, não privilegiando somente as grandes narrativas, mas “as pequenas histórias dos entrelugares da vida social” (MOITA LOPES, 2013a, p. 233). Nesse sentido, sublinhamos a importância, para o entendimento da vida social, de se estudar as vozes de quem vivencia certas práticas sociais (MOITA LOPES, 2001; 2006b; 2013b) – neste caso específico, a experiência de migração e do contato com outros modos de sociabilidade – no sentido de entendermos como a construção de sentidos e como a ideia de quem somos se dão de maneira situada, possibilitando a fluidez e a fuga de entendimentos essencialistas de quem somos.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. Problemáticas de la identidad. In: _____ (Org.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002. p. 19-41.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção de identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 149-185.

- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text and Talk*, 28-2, 2008, p. 377-396.
- BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: CUP, 1986.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: the discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 20, n.1, p. 43-63, 1990.
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing narrative. Discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas, Papirus, 1991 [1972].
- FREEMAN, M. Why narrative is here to stay. A return to origins. In: HYVÄRINEN, M; HATAVARA, M; HYDEN, L-C. (Org.). *The travelling concepts of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 43-61.
- GEE, J. *Situated language and learning. A critique of traditional schooling*. New York: Routledge, 2004.
- GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative Inquiry*. v.16, n.1, p. 122-130, 2006.
- GONZALEZ, C. R.; MOITA LOPES, L. P. Posicionamentos interacionais mobilizados por Tudo sobre minha mãe na rede social Filmow. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 31, p. 473-503, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n2/1678-460X-delta-31-02-00473.pdf/>>. Acesso em: 5 maio 2017.
- GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. From the individual interview to the interview society. In: _____. (Org.). *Postmodern Interviewing*. California, London, New Delhi: Sage, 2003. p. 21- 49.
- JEFFERSON, G. Issues in the transcription of naturally occurring talk: caricature versus capturing pronunciation particulars. *Tilburg papers in language and literature* 34, 1983. p. 1-12.
- KIM, J-H. *Understanding narrative inquiry*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC, Boston: Sage, 2016.
- LANGELLIER, K. M.; PETERSON, E. E. *Storytelling in daily life*. Philadelphia: Temple University Press, 2004.
- LARROSA, J.. Narrativa, identidade y desidentificación. In: _____. (Org.). *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995.
- MARCONDES, D. *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa de uma blogueira: 'tornando-se preta em um segundo nascimento'. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 58, p. 541- 569, 2014. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6009/5112>>. Acesso em: 5 maio 2017.
- MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P; BASTOS, L. C. (Org.). *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: TELLES RIBEIRO, B.; COSTA LIMA, C.; LOPES DANTAS, M. T. (Org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 55-71.

_____. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: DE FINA, A; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. *Discourse and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006a. p. 85-107.

_____. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006b.

_____. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL*. v.27, p. 129-157, 2009.

_____. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: _____.(Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente. Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013a. p. 227-247.

_____. *O Português no Século XXI. Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013b.

PENNYCOOK, A. *Global Englishes and transcultural flows*. Nova York: Routledge, 2007. p. 58-77.

PETERSON, E. E.; LANGELLIER, K. M. The performance turn in narrative studies. *Narrative Inquiry*. v.16, n.1, p. 173-180, 2006.

RODRIGUES, R.L.A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In: MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 67-88.

TILIO, R. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 89-111.

WORTHAM, S. *Narratives in action*. New York: Teacher's College Press, 2001.

Recebido em 04/06/2016. Aceito em 10/11/2016.